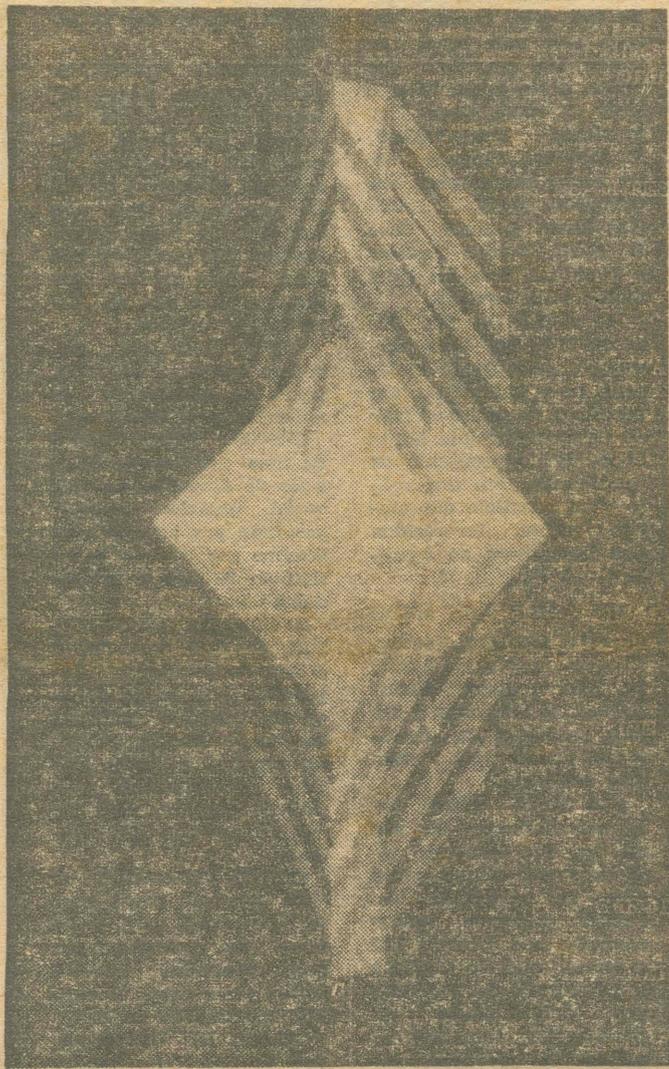


# L. SACILOTTO PINTOR E ESCULTOR INTERNACIONAL

Entrevista concedida a  
J. A. Pereira da SILVA

Luiz Sacilotto, nascido, criado e residente em Santo André, pode passar despercebido, no estreito panorama artístico que este centro industrial oferece. Lá na Senador Flaquer sabíamos, porém, que nos esperava um artista de envergadura internacional, com um cartel de grande importância nas artes brasileiras. Começou em 1946 com uma exposição no Rio (I.A.B.), depois de passar pelo aprendizado duro e minucioso da Escola Profissional de São Paulo. 1947: Exposição 19 pintores, em São Paulo. Em 1949 já esboçava o movimento que iria culminar no concretismo. 1952 — ano definitivo — com a Exposição do Grupo Ruptura. Participou das cinco Bienais e de cinco Salões Paulistas de Arte Moderna, nos quais foi membro do júri varias vezes, e recebeu o 1.º Prémio Governador do Estado (1952), Aquisição (1954) e 1.º Prémio de Escultura (1961). Exposição Nacional de Arte Concreta em S. Paulo (1956) e Rio (1957). Exposição «Arte Moderna no Brasil», que percorreu Buenos Aires, Santiago, Rosário e Lima. Varias exposições nas «Folhas» Prémio Leiner de Pintura em 1956. Exposição «Arte Moderna no Brasil», que percorreu as principais cidades da Europa, em 1960. No mesmo ano, em Zurich, participou dos 50 anos de arte concreta», organização de Max Bill.

Este é o homem que se nos apresenta amigo e simples, falando sobre o nosso momento artístico e a sua arte.



A HISTORIA DA PINTURA BRASILEIRA oferece um unico exemplo digno de nota: Almeida Junior. Os outros representam um acumulo de patrimonio tecnico apreciavel. Persistiram academicos, porém, sem um entendimento plástico avançado. Basta lembrar que alguns elementos da velha guarda, despertados para a pintura moderna, acabaram vindo a reboque do concretismo, sem entender sua problematica. Resultado: são apenas decorativos.

A ARTE CONCRETA NO BRASIL eclodiu como uma reação contra o impertinente expressionismo que estranhalava a pintura brasileira. A esta situação eu proprio paguei o meu tributo juvenil em uma fase de desenhos cheios de violencia e amargura. Esse personalismo não conduzia a nada. Foi quando resolvemos protestar, libertando-nos da figura, em busca de elementos plásticos puros, de uma arte construtiva. E' dessa época o Manifesto Ruptura. De inicio o nosso trabalho foi inconsequente, empírico, mais pela necessidade de libertação. Não houve uma opção imediata. Ao contato com os suíços, italianos e alemães, pudemos afeir, na linha da pintura nossa, uma gramatica comum. Houve também estudo das grandes linguagens universais: Mondrian, Malevicht, Kandinski e Albers mais recentemente. Enfim, a arte concreta nasceu. Numa era industrial, de desenvolvi-

mento, representava a vontade nova de um país construído, e não lamentado.

Se a arte concreta não encontrou audiencia e comercio foi devido à falta de promoção, de divulgação. O publico, em geral sem preparo e de interesse aleatório, segue exclusivamente as promoções. O publico não pesquisa.

AS TRANSFORMAÇÕES DO CONCRETISMO não devem causar estranheza a ninguém. Demonstra, pelo contrario, sua força de renovação, de atualização. Para o grupo concreto sempre houve uma disciplina de ordem material, nunca de ordem ideológica. O artista sempre foi e terá que ser livre no seu campo de ação. Novos problemas ditam necessariamente as transformações. O artista em contato com a realidade, e não submetido a principios.

CONSEQUENCIAS de um entendimento moderno da arte, fala-se do desenho industrial e da pintura eletrônica. O primeiro tem um valor absoluto como desenho industrial. Não elimina as outras categorias artisticas, nem necessariamente com elas se relaciona ou se contrapõe. A pintura eletrônica é também uma perspectiva interessante. E' mais um campo aberto para uma atividade sem limites e sem barreiras.

O MERCADO DE ARTE não só tem influenciado nas diretrizes da pintura moderna, como as tem defor-